

CALEIDOSCÓPIO OU O ECO DA SIBILA

As palavras não significam nada se não forem recebidas
como um eco da vontade de quem as ouve.

Agustina Bessa-Luís

Nunca lhe ouvi disser uma coisa que fosse uma banalidade.

João Bénard da Costa, no documentário

“Agustina Bessa-Luís, Nasci Adulta e Morrerei Criança”

Ela caminha rua abaixo com uma passada acelerada. Não pode chegar tarde. Hoje não. Tem um encontro com esse alguém que tem vontade de voltar a ver. Um *encontro*? Não. Um *reencontro*. Reencontrar-se, um desejo que acorda uma velha contradição que sempre lhe gera ansiedade: ela ama-o e detesta-o simultaneamente. Ama-o, porque tem saudades dele; mas, por isso, também o detesta. Ter saudades é uma dor que não cessa. Como esquecer quem faz falta? Como encher o vazio da ausência? *Aqueles espaços vazios significam mais do que saudade, dão-me a impressão de que alguma coisa acabou*. É um excerto de *A Sibila*. Às vezes, Agustina sussurra-lhe... Mas, como Agustina, é rebelde, e tem a impressão de que, desta vez, alguma coisa ficou. E acredita que hoje, às cinco da tarde, vai ter lugar o seu reencontro. E vão tomar um café. Simplesmente isso: um café. Juntos. Algo tão quotidiano e familiar que parece impossível, pois a distância entre eles é de 3142 km numa diagonal. Uma linha desenhada com afinco. Um muro intransponível. Não por culpa da distância — a humanidade já inventou múltiplas máquinas para diminuí-la e eles gostam de viajar. Não, não é o 3142 o que os separa. É uma frialdade cheia de perguntas suspensas no ar.

Foi no dia do seu último aniversário, no instante de trincar a vela, que ela percebeu que faltava ele lá. Precisou de uns dias para espaiar os medos. *Cumprindo a mais árdua e humana das batalhas*, pontualiza a loquaz Agustina. Depois proferiu as palavras precisas e fez a proposta: Um encontro?, Não. Um reencontro.

A seguir, já falou do apreço. Que eufemismo! *Apreço!* Definir um sentimento com uma palavra derivada de *preço*...! Palavra ridícula, mas a melhor para comprar o seu *sim*. E combinaram o reencontro.

E ela já está a chegar ao café. Cedo demais. Um *passer domesticus* pica no chão. Ao perceber os passos dela, desata a voar. «E se ele também desatasse a voar?». *O medo provém dum certo cultivo da imaginação*, diz-lhe, com tom irónico, Agustina. «Olha,

maluquices!» E repara num menino preto que está a correr atrás duma bola. «Ed, cuidado!», diz quem deve ser a avó. O menino sorri. Tem dentes branquíssimos. Parece simpático. Ela, porém, não tem tempo para fazer novos amigos. Agora não. E eis uma padaria, com o cheiro do pão artesanal. Ela adora o sabor do pão de centeio. Por culpa de Salinger.

E olha para dentro do saco. Não sabe o que procura. A sua calma, se calhar. E fita a calçada de pequenas pedras pretas e brancas irregulares, e empurra, com o pé direito, uma pedrinha solta do chão. Com a mão esquerda, penteia o cabelo. Tira a *écharpe* amarela. Faz um rabo-de-cavalo. Dura só uns minutos: o cabelo solto disfarça a impaciência. «Como irá reagir ele?». Os comportamentos dos outros não podem ser previstos. E, então, compõe a sua roupa.

Ele já a viu a descer a rua. Há uns dias descobriu algumas fotografias dela nas redes sociais. Mas agora observa, atónito, o vaivém do seu corpo ao caminhar. *Um passo saltitado de laverca, pequena, esbelta*, detalha, satisfeita, Agustina. «Muito fixe! A descrição de Quina». Ele sorri. O seu sorriso, *a mais profunda e inegável expressão do humano*. «Palavras inteligentes, Agustina!». Ultimamente, Agustina intromete-se em todas as partes.

Ele volta a olhar para ela. E vê como tira a *écharpe* amarela, penteia o cabelo e, com o pé, empurra uma pedra do chão. Ela parece frágil. Mas não: não estaria aqui. «Pode recuperar-se o tempo perdido?». E lamenta não ter lido Proust. *Lança os teus dados e arrisca!* Agustina, com o seu ímpeto habitual, empurra-o. E ele sai do esconderijo e avança. Um passo. Dois passos. Três passos. Quatro passos. Cinco passos. Seis passos. Sete passos. Para. Impulsos de fugir. Sente, porém, a necessidade de ultrapassar este desafio. Um passo. Dois passos. Três passos. Quatro passos. Cinco passos. Seis passos. Sete passos. Para. Lembranças nevodadas. Diz-se que, antes de morrer, vê-se a vida passar assim diante dos olhos. Mas agora não é um bom momento para morrer. Um passo. Dois passos. Três passos. Qua... Para. Sente-se obrigado a parar. Ela, com a *écharpe* na mão, corre. «Está a vir para aqui?». Desconfia e fecha os olhos. «Pai Nosso, olha para a minha aflição, e perdoa os meus pecados». Eis a súplica dum homem humano demais.

A *écharpe* amarela arrasta-se pelo chão. Um elétrico, também amarelo, passa pela rua paralela. «Corre. É o quarenta e cinco!». Uma senhora na casa dos setenta passeia o cão. Não tem pressa: há quatro anos que enviuvou e ninguém a espera em casa. Outra, com

um avental de cores esquisitas, espreita pela janela. Aborreceu-se dos programas cheios de fofocas. Ouve-se a melodia dum violoncelo dum músico da rua. Uma espectadora segue o ritmo com um movimento leve de cabeça. Um rapaz compra malmequeres no quiosque. «Maria vai ficar contente», pensa. Na padaria, um casal pede duas fatias de bolo de cenoura. Ele só o vai provar para contentar a mulher. E uma turista loira está pronta para tirar uma foto. Clic! «Não ficou bem!» Clic! «Uf, tento de novo». Clic! E, na terceira, a objetiva congela, por acaso, o instante preciso do reencontro. O instante preciso do abraço.

Ele não consegue reprimir as lágrimas. «Os homens não choram! Os homens não devem chorar!» E censura-se por não ter feito nada para acabar com a diagonal de 3142 km que foi decretada por uma perseguição de ideais, uma guerra, muito sangue derramado... Teve de escolher: o exílio ou as torturas e a morte. *Mudar de hábitos e de lugar, que é senão uma fútil maneira de encarar a morte?*, pergunta, incisiva, Agustina.

Com os olhos vidrados, ela olha-o fixamente. Conhece bem o peso da história do seu país. *Conhecer o mal é já uma defesa*. Agustina solta este belo provérbio, e acrescenta: *Onde não há sabedoria, há sempre desgraça*. E ele, que recebeu tantas condecorações, só pode abaixar o olhar. As mãos dela pousam nas dele.

— Vai, não chores.

«Os homens não choram! Os homens não devem chorar». A sua educação patriarcal ecoa nele. Mas precisa de se libertar. E continua, continua, continua, continua a chorar. O peso do passado, o seu pesar. «Com dor na alma, como se pode avançar?».

— Vai, não chores. Não chores. Não chores, pai.

Silêncio...

Pai? Pai, pai... p-a-i. Ela suspira. Há tanto tempo que não diz esta palavra! Silêncio... Tudo fica parado. Este *pai* paralisa-a. E voltam a frialdade, os receios, os fantasmas, a raiva e as perguntas suspensas no ar. Abandonada pelo pai aos sete anos, ficou só o seu espectro e ela cresceu sozinha, com uma mãe que, *perdendo o equilíbrio das suas faculdades, falava muito, sempre coisas da sua juventude*, e só repetia «quando o teu pai vier...». Mas o pai nunca, nunca vinha. Como em *A Sibila*. E isto é tudo o destino, porque... porque..., conclui Agustina.¹

¹ As frases em itálico são excertos retirados de *A Sibila*, de Agustina Bessa Luis, Relógio d'Água, 2017.